

## PAUL RICOEUR E A FENOMENOLOGIA – UMA INTRODUÇÃO

## PAUL RICOEUR AND PHENOMENOLOGY – AN INTRODUCTION

Mário Correia<sup>1</sup>

### Resumo

O presente artigo trata da fenomenologia no pensamento de Paul Ricoeur. Mostra como ele se aproxima, critica e se apropria dessa corrente de pensamento do vigésimo século. Com a fenomenologia, Ricoeur desenvolve uma análise da vontade, da ação, da temporalidade e outras áreas afins. Essas análises estão em vista de, entre outras coisas, uma fenomenologia do *si*, ou da subjetividade, que está em causa na obra ricoeuriana. A extensão dessa temática (a fenomenologia), nesse caso, coincide com a extensão da obra de Ricoeur. Por isso, modestamente, queremos somente demonstrar que o pensamento ricoeuriano é fenomenológico, não obstante outras características que lhes são inerentes.

**Palavras-chave:** fenomenologia; *cogito*; vontade; ação; filosofia.

### Abstract

This article deals with phenomenology in the thought of Paul Ricoeur. It shows how he approaches, criticizes and appropriates this current of thought of the twentieth century. With phenomenology, Ricoeur develops an analysis of will, action, temporality and other related areas. These analyses are in view of, among other things, a phenomenology of the self, or of subjectivity, which is at stake in the ricoeurian work. The extent of this theme (phenomenology), in this case, coincides with the extent of Ricoeur's work. Therefore, modestly, we want only to demonstrate that ricoeurian thought is phenomenological, notwithstanding other inherent characteristics.

**Keywords:** phenomenology; *cogito*; will; action; philosophy.

---

<sup>1</sup> Mestre em Filosofia pela Universidade de Brasília (UNB), instituição na qual também cursa doutorado na mesma área. É professor do Centro Universitário Arnaldo Horácio Ferreira - UNIFAAHF e da Faculdade Sulamérica -FS. Email: mariocsj@hotmail.com

## Introdução

Jean Paul Gustave Ricoeur (1913-2005), filósofo francês que tem por base de pensamento a filosofia reflexiva, a fenomenologia e a hermenêutica, como ele mesmo diz: “eu gostaria de caracterizar a tradição filosófica à qual me reporto com três traços: ela está na linhagem da *filosofia reflexiva*; ela permanece na esfera da influência da *fenomenologia husserliana*; ela quer ser uma variante *hermenêutica* desta fenomenologia” (RICOEUR, 1986, p. 25)<sup>2</sup>. Para a compreensão do pensamento ricoeuriano, é de suma importância levar em conta essa tríplice influência que se torna característica de sua obra. Por isso, julgamos por bem apresentar cada uma dessas correntes ao modo de introdução, para assim ajudar aqueles que estão iniciando na leitura desse importante autor. Neste artigo, apresentamos sobre Paul Ricoeur e a fenomenologia, em certa continuidade com outro artigo onde tratamos sobre a filosofia reflexiva<sup>3</sup>. De caráter introdutório, trata-se de uma apresentação que mostra a influência da fenomenologia na obra de Ricoeur e como ela caracteriza seu pensamento. É uma maneira de oferecer uma visão geral sobre sua obra a partir da fenomenologia.

Como se costuma dizer, a tríplice herança corresponde a uma tríplice perspectiva do pensamento de Paul Ricoeur. A filosofia reflexiva, em acepção mais restrita, refere-se à história do pensamento francês que tem, entre suas raízes, o pensamento de René Descartes. Em acepção mais ampla, resvala em Emmanuel Kant, Agostinho e está enraizada em Sócrates, no clássico “conhece-te a ti mesmo”. A hermenêutica, que aparece em terceiro lugar, aponta para o escopo de suas contribuições, cujas marcas de Hans-Georg Gadamer e Martin Heidegger são inegáveis. Quanto à fenomenologia, que é a grande corrente de pensamento fundada por Edmund Husserl, é muito presente na primeira fase do pensamento ricoeuriano e depois inserida na hermenêutica, sendo ainda muito bem utilizada na teoria da ação (filosofia prática). É a respeito da relação entre Ricoeur e fenomenologia, da crítica à apropriação desse método que vamos tratar nas linhas que se seguem.

---

<sup>2</sup> Sobre a vida e a obra de Paul Ricoeur veja: DOSSE, François. *Os sentidos de uma vida*. São Paulo: LiberArs, 2017. Ou também o que está disponível no site [www.fondsriceur.fr](http://www.fondsriceur.fr). Outra importante fonte é a autobiografia: *Intellectual autobiography in the Philosophy of Paul Ricoeur*: Chicago: Open Court, 1995. Tradução em português: *Autobiografia intelectual*. In: *Da metafísica à moral*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997. Vale ainda indicar, *Le vocabulaire de Paul Ricoeur*, de Abel e Porée (2007).

<sup>3</sup> Estamos nos referindo ao artigo *Paul Ricoeur e a filosofia reflexiva – uma introdução*, que publicamos na Kairós: Revista Acadêmica da Prainha, em dezembro de 2022.

### Fenomenologia: da crítica à apropriação

Uma das maiores e influentes correntes de pensamento do vigésimo século é a fenomenologia. Mas, sua história tem raízes no passado da filosofia ocidental, desde Leibniz, Kant e Hegel quando utilizaram o termo fenômeno ou fenomenologia com suas variantes de significados. Não são diretamente por meio desses que Ricoeur herda a fenomenologia e, sim, de Edmund Husserl, embora esse venha a estar numa esteira kantiana. Foi através de uma versão inglesa de *Ideen I (Ideias I)* que Ricoeur teve o primeiro contato com Husserl, ainda no início de sua trajetória<sup>4</sup>. Um contato marcante, a ponto de fazê-lo traduzir, posteriormente, essa obra do original para o francês, contribuindo assim para a entrada da fenomenologia na França, já inaugurada por Emmanuel Levinas, que traduziu *Cartesianische Meditationen (Meditações Cartesianas)*. Desde esse primeiro contato, as marcas da fenomenologia husserliana em Ricoeur não somente aparece em sua obra, como o torna membro dessa importante corrente de pensamento, a qual ele se reconhece filiado e comprometido em sua realização.

A fenomenologia de Husserl pode ser colocada em continuidade com o pensamento de Descartes, na medida em que se torna seu admirador e passa a buscar um fundamento de todo o saber filosófico. Perfazendo os passos metodológicos cartesianos, Husserl valoriza as conquistas do filósofo francês e ressalta a mais evidente, a saber: o *ego cogito sum*. Entretanto, Husserl percebe que Descartes não foi radical o bastante, não explorou todas as consequências dessa importante conquista. Por isso, radicaliza a busca cartesiana e chega ao *ego-cogito-cogitatum*, no qual, juntamente com as reduções psicológicas, gnosiológicas, eidética e transcendental, aparece como principal marca a intencionalidade. O sujeito que pensa, diríamos com Husserl, é um sujeito intencional, não pensa outra coisa senão as vivências da consciência que são, fundamentalmente, intencionais (HUSSEL, 2013, p. 71). Intencionalidade é propriedade da “consciência de ser consciência *de* qualquer coisa”, é um estar dirigido *a*, em um *para fora de si*, um tensionar para as coisas mesmas.

O que mais despertou interesse de Ricoeur na fenomenologia de Husserl, não foi o requisito fundacional, nem a reivindicação de clarividência. Foi, primeiramente, o tema da intencionalidade que põe a consciência virada para o exterior, projetada para fora de

<sup>4</sup> *Ideias I* é o primeiro de três tomos de uma obra maior. Foi publicada em 1913 e tem tradução brasileira: Husserl, Edmund. *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica. Introdução geral à fenomenologia pura*. Tradução de Marcio Suzuki. São Paulo: Ed. Ideias e Letras, 2006.

si. E, em segundo lugar, decorrente do primeiro, a atenção às coisas mesmas e aos dados da consciência com o esforço de descrevê-las em sua multiplicidade objetiva (RICOEUR, 2009, p. 55). Nesses dois pontos, Ricoeur identifica um movimento de descentralização do *cogito* que melhor se define pelos objetos do que pela consciência mesma, bem como a necessidade de um pensamento não redutivo, mas descritivo daquilo que nos aprece. De certo modo, isso está em consonância com a filosofia reflexiva francesa da geração a qual Ricoeur faz parte, especialmente Nabert e, até mesmo, Marcel<sup>5</sup>. Porém, não se trata de uma inserção da fenomenologia husserliana nessa outra corrente. Pois, a fenomenologia, por si mesma, está no âmbito reflexivo de uma maneira muito peculiar e diferenciada.

Na linha do que mais interessa na fenomenologia husserliana, Ricoeur ressalta que a intencionalidade, enquanto propriedade notável da consciência, é ato de significar. Um ato intencional que vai ao sentido visado, se dirige à presença preenchente e se articula numa intuição categorial de juízo e discurso. Por isso, no ato primeiro da consciência está também o querer dizer, designar e distinguir a sua relação com as coisas. Assim, a intencionalidade visa um sentido que não é outro senão a constatação da presença das coisas na consciência, reduzido ao seu modo mais puro (RICOEUR, 2009, p. 09). Embora isso seja importante, Ricoeur não deixa de sublinhar que essa fenomenologia do sentido se faz no plano de uma “intuição do *eidōs* platônico” e que, a significação, em último caso, será preenchida pela percepção imanente ou pela própria imaginação, tendendo assim a um idealismo. Mesmo que Husserl tenha procurado fazer diferente em seu percurso intelectual, essa caracterização idealista continuou presente e é inegável por muitos, inclusive por seus discípulos.

Dado que a intencionalidade é a noção mais importante da fenomenologia husserliana, Ricoeur chama atenção para o fato de haver múltiplas intencionalidades, isto é, múltiplos modos de se voltar para alguma coisa. Todavia, essa coisa ainda está aí a modo intencional e não real. Segundo nosso autor, para fugir de um logicismo, Husserl se empenhou na descrição de estruturas da consciência enquanto horizonte de perceptibilidade. Deu-se conta de que o real – o mundo da vida (*Lebenswelt*) – ultrapassa o julgar. Mas, mesmo admitindo uma transcendência do percebido à consciência, Husserl continuou a negar a existência em si das coisas percebidas e isso constituiu o aporte filosófico essencial da fenomenologia (RICOEUR, 2009, p. 13). Todavia, dessa situação

---

<sup>5</sup> Conferir nosso artigo: *Ricoeur e a filosofia reflexiva – uma introdução*. In: *Kairós: Revista Acadêmica da Prainha*. V. 18, n.2, Fortaleza, 2022. Veja ainda, *Ricoeur, crítico do cogito*, de Desroches (2002) e *A hermenêutica de Paul Ricoeur face à filosofia reflexiva*, de Ribeiro (2000).

Ricoeur recolhe, com já pressuposto, o movimento de abertura ao mundo e sua descrição de maneira mais fiel possível. O mundo da vida sugere como uma realidade anterior à relação sujeito-objeto, uma oportunidade de passar da representação à descrição da realidade. Mesmo que o sujeito (*ego*) seja o portador da visada, com esse conceito é dado a ele não somente uma consciência enquanto unidade individual e sim um campo de significação que é o mundo (RICOEUR, 1969, p. 11). Antes da objetividade, portanto, há o horizonte do mundo; antes do sujeito, há a vida operante.

Tendo diante de si o mundo da vida, a fenomenologia husserliana passou de um método de redução a uma filosofia transcendental. Isso resultou na distinção da realidade entre o seu em si suposto e o seu aparecer puro (*noema e noese*). Com isso, o mundo permanece um para a consciência que recebe dela sua validade ontológica. É inevitável então notar, segundo Ricoeur, que a fenomenologia é um desdobramento do *ego* ou uma “exegese de si mesmo”. Essa característica se manteve inclusive quando Husserl tratou dos temas da temporalidade e do outro *ego*, parecendo difícil não admitir um idealismo transcendental numa egologia (RICOEUR, 2009, p. 14; 170 - 174). Uma filosofia nesses moldes tenderá a reivindicar uma posição de justificação última (ideia fundacional), algo já rejeitado por Ricoeur no trato com o cartesianismo. Na verdade, a fenomenologia husserliana não escapa às críticas dirigidas às filosofias derivadas do *cogito* cartesiano, mas amplia a essa nova elaboração: as questões filosóficas não necessariamente tendem ao “retorno ao ego”, não se fundam no *ego* transcendental e tampouco a uma redução à evidência primordial do mundo na consciência.

Ricoeur faz notar que foi o próprio Husserl que se propôs a radicalizar a ambição cartesiana de tornar a filosofia uma ciência de saber absoluto, suspendendo toda história errante da filosofia e buscando um princípio genuíno que vinha a ser o puro *ego cogito* (RICOEUR, 2009, p. 175). Acontece que esse princípio, tal qual ponto de partida, é algo já dado, pressuposto, decidido antes do ponto de partida. Ou seja, se por um lado, a fenomenologia husserliana não deixa de ser uma recuperação do *cogito* cartesiano, por outro, ela reforça o fato de que o *cogito* se impõe. Nesse sentido, Husserl é um legítimo continuador de Descartes, inclusive em termos de filosofia reflexiva, radicalizando seu projeto fundacional. Em comparação a Descartes, Husserl reorienta e alarga o *cogito*, concebendo-o como “campo de experiência” no qual as *cogitationes* não se limitam ao “eu penso”, pois se abre a muitas outras possibilidades. Todavia, o *ego* é, nesse caso, polo de *cogitationes*, fluxo de suas próprias vivências, distinto da realidade por se afirmar “ego puro” graças à redução eidética.

Com essa leitura, Ricoeur nos faz perceber nesse empreendimento husserliano uma crescente distância entre a realidade e o *ego*, pois, ao que parece, ele se torna muito mais ambição do que princípio e, o passo a passo dessa busca, vai perfilando uma “egologia sem ontologia” (RICOEUR, 2009, p. 178 - 184). Em tal situação, temos um *ego* sem realidade, desancorado, fora do mundo e, no entanto, exaltado por se ocupar com uma ambição de fundação extrema. Mas, basta recordar do martelo nietzschiano que lança dúvidas sobre essa posição e sugerir que, desde sua origem, esse *cogito* se apoia num processo de linguagem para assim desencadear um processo de destronização e humilhação com tendência a dissolução (RICOEUR, 1990, p. 15 - 27)<sup>6</sup>. Esse martelo nietzschiano se aplica ao *cogito* cartesiano, mas também, por extensão, ao *cogito* husserliano que, como vimos, é radicalização daquele. A despeito disso, Ricoeur irá buscar um *cogito* que se põe, sem se possuir, que admite a ilusão e se compreende em suas múltiplas formas de existir.

Sem precisar retomar cada passo da leitura que Ricoeur faz de Husserl, recordamos que essa sua crítica à fenomenologia se dá também à medida em que ele se situa na tradição da filosofia reflexiva francesa<sup>7</sup>. Isso pressupõe uma compreensão de reflexão descentralizada do *ego* e, ao mesmo tempo, a possibilidade de uma subjetividade fundada no *si reflexivo* (*ipseidade*). Se para o *cogito* cartesiano Ricoeur utiliza o pensamento nietzschiano, para o *cogito* husserliano ele faz uma leitura filosófica da psicanálise freudiana para endossar as críticas. Se Husserl radicalizou Descartes, podemos dizer que a psicanálise é a radicalização da crítica ao *cogito*. A aproximação entre psicanálise e fenomenologia se dá em termos de reconhecimento, constatação de limites e possibilidade de apoio mútuo. Enquanto a psicanálise contrasta os seus conceitos basilares da fenomenologia, esta, com seu recurso descritivo, favorece à estruturação dos processos de interpretação psicanalíticos (RICOEUR, 1970, p. 238; 1969, p. 101). Ricoeur vê essa relação em termos de alteridade e, assim, diz que “a fenomenologia tem, de fato, o seu outro” e por isso a psicanálise é “uma alternativa à fenomenologia”

---

<sup>6</sup> Confira nosso artigo: *Repensar a subjetividade com Paul Ricoeur*, publicado na revista *Illuminare*, de 2021.

<sup>7</sup> Além de nosso artigo já mencionado acima, recomendamos: DESROCHES, Daniel. *Ricoeur, crítico do cogito*. In: *A hermenêutica francesa – Paul Ricoeur*. Org. Constança M. Cesar. Porto Alegre: EDIPUCRES, 2002. JERVOLINO, Domenico. *Introdução a Ricoeur*. Tradução de José Bortolini. São Paulo: Paulus, 2011. LOUXEN, Roberto Roque. *O significado da hermenêutica do si de Ricoeur: entre a polêmica do cogito e a reflexão*. In: *Controvérsia*. São Leopoldo: v. 9, n. 1, 2013. RIBEIRO, João Amaral. *A hermenêutica de Paul Ricoeur face à filosofia reflexiva*. Lisboa: Phainomenon, Edições Colibri, 2000.

(RICOEUR, 2009, p. 53 - 54). Para ele, essas duas vertentes não deixam de tornar uma crítica aguda e ampla da consciência reflexiva.

Sem dúvida, o ponto nevrálgico dessa relação é a noção de consciência tão importante para a fenomenologia (e o cartesianismo), mas refutada pela psicanálise. Faz parte das filosofias do *cogito* o pressuposto de uma consciência imediata, evidente e irrefutável, de sorte que essas filosofias podem ser chamadas de teoria da consciência. Todavia, “com a psicanálise, diz Ricoeur, confrontei-me com qualquer coisa que resiste a uma teoria da consciência” (RICOEUR, 2009, p. 119). Aliás, essa resistência está também nos chamados “mestres da suspeita” que, além de Freud, acrescenta-se Marx e Nietzsche. A crítica da consciência pode ser vista em Marx no discurso das ideologias, em Nietzsche na noção de vontade de poder e em Freud, na teoria do inconsciente. Com esses três, “nasceu um problema novo: o da mentira da consciência, da consciência como mentira” (RICOEUR, 1969, p. 101). Não se pode ser indiferente a esse novo problema, pois se a consciência é falsa, falso também é o sentido dela adquirido. A questão para Ricoeur é tão séria que ele compara essa reação à consciência, àquela feita por Platão ao ser parmenidiano: do mesmo modo que a questão do ser é tão obscura quanto a do não-ser, a consciência agora é tão obscura quanto a questão do inconsciente inaugurada por esses mestres, especialmente Freud.

Como se vê, entre os três mestres da suspeita, nesse momento Ricoeur considera ser Freud o mais provocante por seu modo anti-fenomenológico de contestar o primado da consciência. O freudismo, diz Ricoeur, “é uma antifenomenologia que exige, não a redução à consciência, mas a redução *da* consciência” (RICOEUR, 1969, p. 234; 1970, p. 370). Desse ponto de vista, a consciência nada mais é que um sintoma, pois a realidade, para Freud, é o inconsciente. Mas, o acesso a essa realidade dá-se através de técnicas ou métodos criados pela consciência. Sendo assim, a noção de consciência não é totalmente negada, será vista no máximo como uma realidade entre outras, quando não em perspectiva de dependência, sem autonomia. Com isso, a psicanálise não eliminou a consciência, nem a substituiu; antes, a deslocou do centro, retirou-lhe sua posição de princípio originário, tornou-a como tarefa ou meta a ser conquistada (RICOEUR, 1969, p. 41; 1970, p. 237). Dito de outro modo, Freud operou na consciência um movimento copernicano que troca o “ser consciente” pelo “torna-se consciente” e isso forja um novo *cogito*: não mais como se apercebe e, sim, como uma questão sem resposta definitiva, uma provocação de reflexão. A tarefa da filosofia reflexiva, depois disso, é redescobrir o *cogito* em sua condição de feitura, trabalho contínuo, abdicando-se do idealismo

fundacional e rejeitando também tendências diluidoras, pois sua existência é inegável (RICOEUR, 1969, p. 240). Não deixa de ser essa a tarefa assumida por Ricoeur que nos conduz a fazer a passagem do *ego cogito* ao *si reflexivo*, numa espécie de “interpretação recuperadora” que ele aprendeu nas sextas-feiras mercelianas (RICOEUR, 1997, p. 54). Pois, uma vez admitido o *cogito* cartesiano/husserliano, bem como sua destruição, é preciso, então, trabalhar em sua reconstrução, procurando-o não mais na pura consciência, tampouco na pura realidade, mas na decifração de suas manifestações (RICOEUR, 1969, p. 50; 1970, p. 149). Disso já se prenuncia uma hermenêutica que socorre a fenomenologia via psicanálise, realizando assim uma reflexividade, um modo de provocar a pensar mais e melhor.

Apesar das críticas, Ricoeur não nega seu débito a Husserl, como também não deixa de fazer um bom uso do método fenomenológico (RICOEUR, 1997, p. 54; 2009, p. 63). Aliás, dá-se a entender que ele assume a fenomenologia mais como método de aplicação às suas investigações do que propriamente uma filosofia fenomenológica. Contribuiu nesse bom uso, o contato que Ricoeur teve com Merleau-Ponty, a quem, em seu tempo, mais preferia entre os filósofos parisiense. O que mais chamou atenção de Ricoeur em Ponty, foi seu modo de balizar perfeitamente o campo da análise fenomenológica da percepção e dos seus mecanismos. De fato, o filósofo parisiense ampliou o método fenomenológico a outras esferas, como a percepção e seus mecanismos ligados ao corpo e aos sentidos. Com isso, ele abriu de uma vez por todas a possibilidade de aplicação desse método ao domínio prático (RICOEUR, 2009, p. 49; 1997, p. 62). Seria o caso aqui de se lembrar de Marx Scheler, da vertente da fenomenologia proveniente da escola de Munique, que procurou se dedicar a assuntos do campo prático, desde uma análise dos sentimentos (*simpatia*) a uma longa exposição dos valores à maneira fenomenológica (SCHELER, 1943; 2012). Mas, pelo visto, Ricoeur não o concebe à maneira de Ponty, e em um texto que o cita, fala de um certo ceticismo quanto a essa possibilidade (RICOEUR, 2009, p. 315). Reservas à parte, essas tentativas contribuíram para libertar a redução fenomenológica de tendências ortodoxas ou afunilamento idealista, desviando-se, assim, do abstracionismo ao concreto da existência.

Se foi mérito de Merleau-Ponty, no minucioso exame fenomenológico da percepção, abrir um campo de investigação existencial, foi com Ricoeur que esse movimento tendeu à existência concreta, à “esfera prática”. Por seus efeitos, escolheu começar investigando as categorias essenciais do *voluntário* e do *involuntário*, configurando, assim, uma “eidética da vontade” em vista de pensar a responsabilidade e



a liberdade<sup>8</sup>. O passo seguinte foi a análise da falta e o problema do mal, numa “empírica da vontade”, para refletir sobre a escravidão e a liberdade. Esses dois trabalhos fizeram parte de um projeto denominado *Filosofia da vontade* (*Philosophie de la voluntad*) que resultou em duas grandes obras, *Le volontaire et l'involontaire* (1950) e *Finitude et culpabilité* (1960). No projeto original, ainda havia um terceiro momento constituído de uma análise da transcendência, na qual Ricoeur se dedicaria à inspiração e daria contornos de uma “poética da vontade”, mas não foi realizado (RICOEUR, 2009, p. 565; 1997, p. 65). Exceto se consideramos que grande parte das produções que vieram depois dos dois primeiros momentos contempla esse terceiro, pois é certo que a filosofia da vontade permaneceu sendo um fio condutor da filosofia ricoeurina.

Com efeito, as acuradas análises da *fenomenologia da vontade* erigem uma ontologia do querer, que não é possível nos ocupar neste artigo<sup>9</sup>. Certo é que a escolha do campo prático marca profundamente todo a obra de Paul Ricoeur. Muitos assuntos são reunidos e abordados a partir dessa preferência sinalizada, mesmo antes da apropriação da fenomenologia husserliana. Todavia, esse método o favoreceu uma maneira peculiar de abordagem, tirando disso bom proveito e, quando se deparou com seus limites, lançou mão de outros modos disponíveis no cabedal de ciência humanas, especialmente a psicanálise, a linguística e a hermenêutica. Esse procedimento caracteriza seu modo reflexivo, de pensar e repensar ou ainda realizar a crítica da crítica, num bom estilo kantiano-pós hegeliano como ele costuma se definir (RICOEUR, 2009, p. 135). A reflexividade ricoeuriana tem as marcas do concreto, do rigor, do despojamento do *ego* e sua conquista, por meio das mediações existentes no mundo da vida.

Em Ricoeur, um assunto puxa o outro. Se falamos de uma fenomenologia do querer, também precisamos falar de uma fenomenologia do agir. São assuntos amplos e

---

<sup>8</sup> A primeira vez que Ricoeur tratou do tema da vontade foi em 1939, em uma conferência de título *Estudo fenomenológico da atenção e de suas conexões filosóficas*, publicado na coletânea: *Escritos e Conferências, 3: antropologia filosófica*. São Paulo : Loyola, 2016. Já nesse estudo sobre a atenção, é possível antever sua preocupação com a relação entre o voluntário e o involuntário. Em seu turno, a escolha do *voluntário* e do *involuntário* como objetos de estudo, Ricoeur satisfaz, assim, a necessidade de alargar a análise eidética das operações da consciência às esferas do afeto e da vontade, indo além das percepções e atos representativos. Ao mesmo tempo, manteve viva a problemática marceliana de um sujeito encarnado, suscetível às suas necessidades e, simultaneamente, capaz de ser dono de si. Uma fenomenologia da vontade nesses moldes passou a configurar-se uma antropologia que leva em conta o agir e o sofrer (a capacidade e a falibilidade do homem), cujas implicações maiores redundam no que Ricoeur chamou pascalmente de “ontologia da desproporção”.

<sup>9</sup> Em vista disso, indicamos algumas leituras: LAUXEN, Roberto Roque. *O alcance ontológico da fenomenologia da ação*. In: Revista de Estudos filosóficos nº 5. 2010. MICHEL, Johann. *Paul Ricœur, une philosophie de l'agir humain*. Paris: CERF, 2006. PETIT, Jean-Luc. *Ricoeur et la théorie de l'action*. Paris: Études Ricoeuriennes, Vol 05. 2014.

aqui os apresentamos na condição de mostrar como nosso autor recepçiona a fenomenologia, faz sua crítica e torna-se afiliado a ela. Já sabemos, a partir dele, que Husserl não aprofundou os fenômenos afetivos e volitivos, pois dedicou-se mais à percepção. Por isso, uma fenomenologia da vontade amplia o horizonte fenomenológico, verificando na esfera prática o alcance desse método. Para Ricoeur, uma fenomenologia da vontade precisa, antes de tudo, evitar tratar os atos (todos os atos do *cogito*) em termos de posição, tal como se faz com a tese do mundo e as modalidades de crenças que são postas entre parênteses. Com efeito, admite-se que os atos pertencem à esfera da percepção, engloba as operações do *cogito*, envolvem decisão e podem ser mais bem chamados de posição volitiva ou ato voluntário (RICOEUR, 2016, p. 113). Tem-se aqui, mais uma vez, o esforço de diferenciar o *ego cogito* do *ego volo*, atos de uma mesma consciência, suscetíveis à uma abordagem equiparada.

Uma análise *noemática* do ato voluntário mostra sua constituição de sentido, bem como a descoberta do mundo como campo de ação, fazendo ver que ação não é só observável, mas também realizável em vista de certo fim. Em sua descrição, o ato é decomposto e recomposto, julgado e avaliado, levando em conta o sentido, a intensão, a motivação, a decisão, a escolha, o agente e a imputação de tal ação. Para dar conta desse campo prático, Ricoeur recorre à análise linguística, a seus enunciados acerca da ação, sabendo que também ela não esgota o mundo da ação, mas favorece a passagem não somente para uma abordagem ético-política, como também para uma ontologia da ação. Essa análise linguística se junta à fenomenologia, duas abordagens que se complementam, mantendo as distinções, podendo nesse momento ser chamada fenomenologia linguística da ação (RICOEUR, 2016, p. 113). Esse procedimento é feito em vários outros momentos, fazendo sobressair um tipo de método oriundo da fenomenologia e da linguagem, que se completa com a hermenêutica, configurando assim seu modelo de reflexividade.

Uma fenomenologia da ação antecede o discurso ético e político. O próprio Ricoeur afirma que uma filosofia da ação – resultante de fenomenologia e análise linguística – se difere da ética e pode até ser sua fundamentação (RICOEUR, s/a, p. 25). Por outro lado, ele também diz que os resultados da eidética da vontade pode ser integrada a uma filosofia da ação de maior amplitude. Particularmente, empregando o método fenomenológico, Ricoeur descreve a ação suspensa da moralidade, realizando assim uma reflexão pré-moral, sendo fundamental para regatar a ‘razão de agir’ e a ‘intenção ética’ da ação moral, como está bem demonstrado em *Soi-même comme un autre* (1990). A

mesma estratégia é usada para resgatar o agente da ação, provocando um olhar aos antecedentes do *ego*, ao seu modo de constituição e realização. Assim, somos convidados a pensar numa “fenomenologia do si”, na condição de apontar a presença do método fenomenológico na teoria da subjetividade proposta por Paul Ricoeur<sup>10</sup>. Voltamos, então, à questão do *cogito*, levando em conta sua existência e necessitada de uma restauração.

Na verdade, uma fenomenologia da subjetividade já se supõe, desde as primeiras análises eidéticas da vontade. O que resta a ser feito será, por um lado, levantar outros campos ou áreas de análises e, por outro, encontrar modos linguísticos de articulação para melhor compreensão daquilo que é descrito. Antes disso, é importante ressaltar que a análise do domínio da ação está em vista de uma autocompreensão. Isso significa dizer que, não somente o aspecto teórico, mas também o aspecto prático corresponde a um *si reflexivo* que procura sua inteligibilidade e sua apropriação em meio a totalidade do real (RICOEUR, 2009, p. 123). É com essa compreensão que Ricoeur leva em conta as contribuições das ciências humanas, especialmente psicanálise e linguagem, para ajudar a explicitar e compreender a subjetividade que mantém e dinamiza uma ação.

Sem dúvida, um aspecto importante nesse conjunto, um outro campo, é a dimensão de temporalidade da ação ou, se preferir, da subjetividade humana. O laço entre temporalidade e subjetividade é necessária e transcultural, daí a justificativa de uma fenomenologia do tempo, como é feita na maciça obra *Temps et récit* (1983-1985)<sup>11</sup>. Nesse caso, a impossibilidade de dizer o tempo, faz Ricoeur entrar no mundo da poética e eleger a narrativa como um modo indireto para se referir à temporalidade. Se uma fenomenologia pura do tempo não é possível, não seja por isso que ele não será abordado, pois seu estatuto é fundamental para a constituição da identidade subjetiva. Por outro lado, essa impossibilidade de dizer o tempo também nos leva a admitir que não é o *sujeito* o doador de sentido, embora seja ele capaz de deixar-se levar pelas exigências de pensar mais e dizer de outra forma aquilo que lhe está ao alcance e aquilo que lhe escapa ao domínio (RICOEUR, 1985, p. 467-489). Implicado na temporalidade, esse *sujeito* precisará refletir a partir de ações, obras e objetos temporais e não somente a partir de si mesmo. Essa reflexão o fará adotar a narrativa, como modo de mostrar sua identidade, resultante da pergunta *quem*, uma questão prática que inclui várias instâncias, quais

<sup>10</sup> Conferir nosso artigo: *Repensar a subjetividade com Paul Ricoeur*. In: Iluminar – Revista de Filosofia e Teologia / Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás (IFTEG). v. 4, n.1 (jan/jun). Goiânia, 2021.

<sup>11</sup> Trabalhamos a questão da temporalidade e da subjetividade em nossa dissertação, publicada com o título: *Sujeito e Tempo em Paul Ricoeur. Fenomenologia, Poética e Hermenêutica a subjetividade*. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2020.

sejam: quem sou eu, quem faz tal ação, quem é o agente, o seu autor... (RICOEUR, 1985, p. 439; 1990, p. 137). Disso, se sobressai uma *identidade narrativa* forjada de um entrecruzamento entre fenomenologia e linguagem, cujas implicações ontológicas merecem ser exploradas.

A entrada da questão da temporalidade no percurso intelectual de Ricoeur, abriu a possibilidade de tratar de outros temas correlatos, que vamos acenar apenas enquanto campo de aplicação do método fenomenológico. Cada vez que se faz essa aplicação, um vasto horizonte é descortinado, sem que ele seja explorado de uma só vez e, menos ainda, totalmente. Junto à questão da temporalidade, por exemplo, veio também a questão da historiografia, da memória e do esquecimento, aos quais Ricoeur também analisou fenomenologicamente (RICOEUR, 2006; 2007). Esses três campos são analisados nos níveis descritivo, transcendental e ontológico, sendo que, do segundo para o terceiro, costuma haver a indicação de limites e passagem para outra modalidade de discurso. Outra característica dessa análise, é o fato de partir da generalidade dessas realidades para chegar às suas individualizações. Nesse caso, a análise completa se configura como um *percurso do reconhecimento*, reconhecimento como identificação, reconhecer-se a si mesmo e reconhecimento mútuo (RICOEUR, 2006). Nesse âmbito, a fenomenologia está para a subjetividade que, por sua vez, faz parte de uma antropologia do homem capaz, nome dado por Ricoeur à totalidade de sua obra.

### **Considerações finais**

Desde o primeiro contato de Ricoeur com a fenomenologia husserliana, ele não mais a deixou. Como vimos, em alguns momentos Ricoeur dirija duras críticas à fenomenologia, embora nem todos os estudiosos de Husserl admitam tais críticas, pois chegam a alegar que, a partir da totalidade das obras husserliana, é possível rebater Ricoeur. Em todo caso, é importante destacar que as críticas ricoeurianas não obscurecem as valiosas contribuições da fenomenologia que ele mesmo recolheu e assumiu em sua maneira de pensar. É comum encontrar esse tipo de posicionamento em Ricoeur, esse modo de aproximar-se criticamente de uma corrente filosófica. Foi assim com a fenomenologia, a psicanálise, o estruturalismo, filosofia reflexiva, a linguística, a hermenêutica, entre outras correntes. O que precisamos lembrar é que Ricoeur é, a um só tempo, da filosofia reflexiva, da fenomenologia, da hermenêutica e – acrescentamos – da linguagem. Na totalidade de sua obra, vemos as marcas dessas correntes, ou melhor, uma

primorosa articulação, a composição de um pensamento que tem sua especificidade e grandeza.

A propósito, dissemos ao longo de nosso artigo que as questões trabalhadas por Ricoeur normalmente abriram vastos campos de investigação. E, o que favorece a transição para esses diversos campos, em Ricoeur, é a linguagem que, pouco a pouco, ganha espaço em seu percurso intelectual. Embora a linguagem cada vez mais ganhe espaço nos estudos feitos por Ricoeur, o estilo fenomenológico continuou a ser empregado, tornando rigorosas as análises de cada uma das realidades investigadas. Nesse sentido, o conjunto de seu pensamento, podemos falar tanto de uma fenomenologia linguística, quanto de uma fenomenologia hermenêutica, considerando que essa última se dá *no* meio da linguagem. Dizendo assim, percebemos que a linguagem, para Ricoeur, é um vasto campo e seu emprego se dá ao modo de diversos discursos, entre eles, estão o descritivo – característico inclusive da fenomenologia – o poético, o dialético e o hermenêutico, para citar os mais utilizados por nosso autor. Com isso, também precisamos dizer que os problemas analisados pelo discurso fenomenológico podem – e foram – analisados por esses outros discursos ampliando, assim, o raio de alcance da reflexividade ricoeuriana. Esse assunto – a da linguagem em Ricoeur - será tema de outro artigo.

### Referências bibliográficas

ABEL, Oliver e PORÉE, Jérôme. *Le vocabulaire de Paul Ricoeur*. Paris: Ellipses, 2007.

CORREIA, Mário. “Paul Ricoeur e a filosofia reflexiva – uma introdução”. IN: *Kairós - Revista Acadêmica da Prainha*. V. 18, n. 2, Fortaleza, 2022.

\_\_\_\_\_. “Repensar a subjetividade com Paul Ricoeur”. IN: *Iluminare – Revista de Filosofia e Teologia / Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás (IFTEG)*. v. 4, n.1 (jan/jun). Goiânia, 2021

\_\_\_\_\_. *Sujeito e Tempo em Paul Ricoeur*. Fenomenologia, Poética e Hermenêutica da subjetividade. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2020.

DESROCHES, Daniel. “Ricoeur, crítico do cogito”. IN: *A hermenêutica francesa – Paul Ricoeur*. Org. Constança M. Cesar. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

HUSSERL, Edmund. *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*. Introdução geral à fenomenologia pura. Tradução de Marcio Suzuki. São Paulo: Ed. Ideias e Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. *Meditações cartesianas e Conferências de Paris*. Tradução de Pedro M. S. Alves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

JERVOLINO, Domenico. *Introdução a Ricoeur*. Tradução de José Bortolini. São Paulo: Paulus, 2011.

LAUXEN, Roberto Roque. “O alcance ontológico da fenomenologia da ação”. IN: *Revista de Estudos filosóficos*, Universidade Federal de São João Del Rey – UFSJ: nº 5, 2010, p. 43 – 56.

\_\_\_\_\_. “O significado da hermenêutica do si de Ricoeur: entre a polêmica do cogito e a reflexão”. IN: *Controvérsia*. São Leopoldo: v. 9, n. 1, 2013.

MICHEL, Johann. *Paul Ricœur, une philosophie de l’agir humain*. Paris: CERF, 2006.

MORATALLA, Tomás Domingo. “¿Es Paul Ricœur un fenomenólogo? Entre fenomenología y hermenêutica”. *Escritos*. Vol. 26, No. 57, julio-diciembre, 2018.

RICOEUR, Paul. “Autobiografia intelectual”. IN: *Da Metafísica à Moral*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997, p. 54.

\_\_\_\_\_. *A Crítica e a convicção*. Lisboa: Edições 70, 2009.

\_\_\_\_\_. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François. Campinas: Ed. Unicamp, 2007.

\_\_\_\_\_. *Escritos e Conferências, 3: antropologia filosófica*. São Paulo : Loyola, 2016.

\_\_\_\_\_. *Na escola da fenomenologia*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_. *Le conflit des interprétations. Essais d'herméneutique*. Seuil, Paris, 1969.

\_\_\_\_\_. *Freud: uma interpretação de la cultural*. Ciudad de México: Siglo XXI, 1970.

\_\_\_\_\_. *O discurso da ação*. Lisboa : Edições 70, s/a.

\_\_\_\_\_. *Soi-même comme un autre*. Paris: Éditions du Seuil, 1990.

\_\_\_\_\_. *Temps et récit*. Tomo 1. Paris: Seuil, 1983.

\_\_\_\_\_. *Temps et récit*. Tomo 3. Paris: Seuil, 1985.

\_\_\_\_\_. *Percorso do reconhecimento*. Trad. Nicolás Nymi Campanário. São Paulo: Loyola, 2006

PETIT, Jean-Luc. “Ricoeur et la théorie de l’action”. *Études Ricoeuriennes*, Paris: Vol. 05, 2014.

RIBEIRO, João Amaral. *A hermenêutica de Paul Ricoeur face à filosofia reflexiva*. Lisboa: Phainomenon, Edições Colibri, 2000.

SCHELER, Max. *Da reviravolta dos Valores*. Trad. Marco Antônio dos Santos Casa Nova. Petrópolis: Vozes, 2012.

\_\_\_\_\_. *Esencia y formas de la Simpatía*. 3ª edição, Buenos Aires: Editorial Losada S.A, 1943.

Recebido em: 20/04/2023.

Aprovado em: 10/06/2023.